

PROJETO DE PLANEJAMENTO, ELABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA PRAÇA NO BAIRRO CHAPADINHA II

Carolina De Oliveira Pereira¹
Diego Porfírio De Araújo¹
Edmar Henrique Marques¹
Italo Augusto Ferreira De Oliveira¹
Vinícius Paixão Araújo Pereira¹
Wilker Lemes Garcia²
Glenda Maria Colim Messias²

RESUMO

Este projeto tem como objetivo elaborar e avaliar a implantação de uma praça pública no bairro Chapadinha II em Paracatu-MG. Esta praça poderá propiciar convivência e recreação entre os moradores, já que é um bairro residencial e nesta região não possui praças e áreas verdes próximos. As praças de maneira geral, fornecem à população uma boa qualidade de vida, disponibilizando áreas de convívio, lazer e descanso, considerando que a paisagem urbana na atualidade, se torna cada vez mais degradada através de mau uso e vandalismo. Assim, este espaço urbano será moldado e preservado a partir da necessidade de seus frequentadores. Neste trabalho será analisado a área institucional no bairro Chapadinha II, a partir da verificação da tipologia, função e o caráter social da região, para que possa atender as necessidades dos moradores deste bairro. A pesquisa foi realizada a partir de fotos, entrevistas (conversas informais com os moradores) e observação in loco. Com este estudo será possível entender melhor sobre a importância da praça para os moradores e como isso afetará a sua qualidade de vida, na rotina diária dos moradores e na qualidade da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Praça; Socialização; Entretenimento.

¹ Acadêmico do curso de Engenharia Civil – UniAtenas

² Docente do curso de Engenharia Civil – UniAtenas

ABSTRACT

The objective of this project is to demonstrate in a clear and objective way that the elaboration and implementation of a public square in the neighborhood chapadinha II can provide coexistence and recreation for the residents, if it is a neighborhood of public housing becomes viable, because there are no Green Squares and Areas on site. The squares in general provide the population with a good quality of life, providing areas for socializing, leisure and rest, the urban landscape nowadays, becomes increasingly degraded through misuse and vandalism, the squares have been shaping the city and the use given by its customers. This work intends to analyze and deal with the unconstitutional area in the neighborhood chapadinha II, verifying its typology, function and social character. So much depends on the audience that will be reached. With the help of photos, informal conversations and on-site observation, the study will allow a better understanding of the fundamental importance of the place for the mourners and how it affects their quality of life as well as the quality of the city.

KEYWORDS: *Square; Socialization; Entertainment.*

INTRODUÇÃO

Segundo Robba, “as praças são espaços públicos que favorecem o contato com a natureza, servem de refúgios para a rotina estressante do dia a dia. Esses locais são marcos arquitetônicos e ambientes de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, sendo fundamental para uma cidade e seus moradores (...)”.

“Inúmeras são as definições referentes ao termo *praça*. Mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceitua-la como um espaço público e urbano. A praça sempre foi celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos”. (ROBBA; MACEDO, 2010).

São espaços criados que servem como ligação com a malha urbana e suas funções. Trazem consigo locais de vivência e memória afetiva. No entanto, estas áreas que nos relembram momentos de vivência e de lazer, atualmente são espaços livres muitas vezes abandonados.

Ter uma área de convívio social para a população é algo importante para ajudar na harmonia do funcionamento da cidade, assim como as áreas verdes auxiliam na melhora da paisagem urbana, mostrando que a natureza ainda tem lugar em meio às construções.

Segundo Taniguti, “as praças têm um papel fundamental sobre o turismo urbano, servindo de atrativos à comunidade e aos turistas da região (...)”.

A praça pretende ser um centro de atividades no coração de uma área urbana intensiva (...) contém características que pretendem atrair grupos de pessoas e facilitar encontros: fontes, bancos, abrigos e outras coisas semelhantes. (LYNCH, 2007)

Independentemente do modo sobre o qual é classificada, a praça sempre foi considerada um local de encontros, comércio, cultura e lazer, sempre visando à socialização da população, com características da cidade em si.

Considerando que a área acima descrita, trata-se de um bairro de casas populares, onde boa parte da população é carente, o alto índice de criminalidade, e ausência de incentivos socioeducativos. Pretendemos elaborar um projeto que atenda à comunidade bem como o seu bem-estar, que será efetivado por meio das análises e pesquisa de campo onde realizaremos o levantamento completo do local. Pretendemos acompanhar da execução do projeto até o a conclusão da construção.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Robba “a definição de “praça” varia de acordo com cada cultura. Seu modo de uso e tratamento pode definir o nível de civilidade de seus usuários e governantes, devido essas unidades urbanísticas serem administradas por eles(...)”.

Segundo Macedo “entre os gregos e os romanos da antiguidade, a praça, chamada de ágora ou fórum, era um espaço voltado à transmissão de conhecimento e cultura, de exposição de ideias e tomada de decisões. Portanto, esses ambientes eram, realmente, bem planejados, frequentados e cuidados(...)”.

A praça pode ser definida, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que propicie convivência e/ou recreação para os seus usuários.

O espaço urbano tido com precursor das praças foi a ágora, na Grécia. A ágora grega era um espaço aberto, normalmente delimitado por um merca-

do, no qual se praticava a democracia direta, visto ser este o local para discussão e debate entre os cidadãos (MACEDO e ROBBA, 2002).

Segundo Robba “até meados do século XVIII o projeto de praças restringia-se ao entorno dos palácios europeus, nem sempre inseridos no contexto urbano. Os espaços livres existentes nas cidades e marcados pelas aglomerações humanas estavam, em geral, relacionados à existência de mercados populares (comércio) ou ao entorno de igrejas e catedrais. Foi somente no século XIX, que o desenho de praças entrou em cena, preconizado pelo trabalho de profissionais como Frederick Law Olmsted (projetou o Central Park de Nova Iorque) (...)”.

Esse espaço, existente há milênios, utilizado por civilizações de distintas maneiras, nunca deixou de exercer a sua mais importante função: a de integração e sociabilidade. Considerando que praças são espaços abertos, públicos e urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população (LIMA et al., 1994; MACEDO e ROBBA, 2002).

Segundo Robba “sua principal função é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico (comércio), político ou social. Especialmente a praça é definida pela vegetação e outros elementos construídos neste sentido, de acordo com cada sentido que a palavra praça pode assumir, estes espaços podem ser classificados em: (...)”

Praça Jardim

Segundo Macedo “são espaços nos quais as espécies vegetais, o contato com a natureza e a circulação são priorizados. Estes podem ser fechados por grades ou cercas, como o passeio público do Rio de Janeiro, ou ainda podem ser abertos e rodeados de imóveis (comerciais e residenciais). No Brasil, o conceito de praça está, normalmente, associado a idéia de verde e de ajardinamento urbano, por este motivo, os espaços públicos formados a partir do pátio das igrejas e dos mercados públicos é comumente chamado de adros ou largos (...)”. (Figura 1)

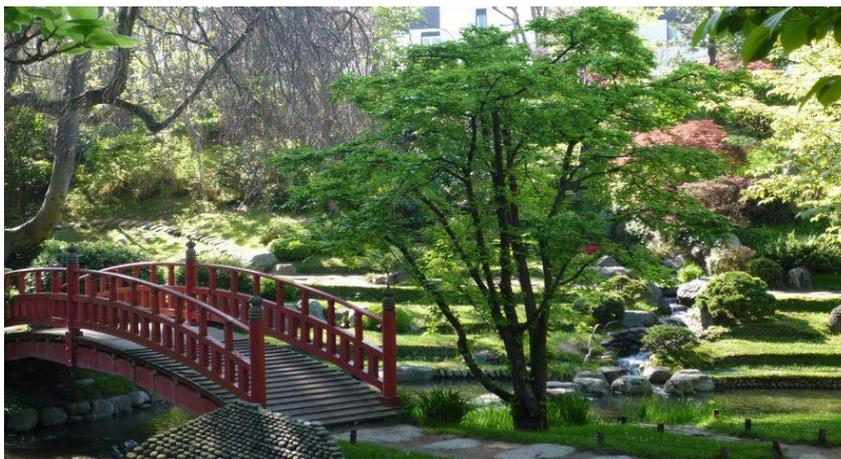


Figura 1: Praça Jardim

Figura 1 se trata de uma imagem relacionada a praça jardim, onde a vegetação e o paisagismo e uma das principais característica pelo contato direto com a natureza.

Praça Seca

Segundo Robba “são largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pedestres. Em algumas destas praças inexistente qualquer tipo de árvores ou jardins e nelas o importante é o espaço gerado pela arquitetura e são relações entre volumes do construído e do vazio que dão ao conjunto a escala humana. Nestes locais destacam-se símbolos arquitetônicos como a Praça de São Marcos em Veneza (Itália), a Praça de São Pedro em Roma (Itália) ressaltando a Basílica, a praça dos três Poderes em Brasília e o Memorial da América Latina em São Paulo(...)”. (Figura 2)



Figura 2 Praça Seca

Figura 2 se trata da praça seca onde sua característica principal a circulação excessiva de pedestres no decorrer do dia a dia.

Praça Azul

Segundo Robba “praça azul são praças na qual a água possui papel de destaque. Alguns belvederes e jardins de várzea possuem esta característica(...)”. (Figura 3)



Figura 3: Praça Azul

Figura 3 se trata da praça azul, onde sua característica principal e o jardim de várzea, e alguns chafariz que traz uma visão arquitetônica mais bonita nesses modelos de praças.

Praça Amarela

Segundo Macedo “as praias em geral são consideradas praças amarelas(...)”. (Figura 4)



Figura 4: Praça Amarela

Conforme a figura 4 as praias são consideradas praças amarelas pelo fato de ter aspectos semelhantes a praças amarelas.

BENEFÍCIOS DAS PRAÇAS

Segundo Macedo “os benefícios trazidos pelas praças públicas decorrem tanto da vegetação que pode ser abrigada por elas, quanto de aspectos subjetivos relacionados à sua existência, como a influência positiva no psicológico da população, proporcionada pelo contato com a área verde e/ou pelo uso do espaço para o convívio social. A vegetação urbana atua ainda, de forma direta, no conforto ambiental(...)”. Dentre as vantagens proporcionadas pelo uso da vegetação, destacam-se:

MELHORIA DO MICROCLIMA

Segundo Robba “a interceptação dos raios solares; efeito sobre a umidade do ar e sobre o ciclo hidrológico das cidades; e diminuição da velocidade dos ventos; ação contra a poluição pela retenção de partículas poluidoras; proporcionam sombra e atuam como barreiras contra o ofuscamento das luzes, além destas vantagens diretas, a vegetação atua na sensação de bem-estar e na qualidade de vida daqueles que desfrutam do ambiente coberto por espécies vegetais(...)”.

Pode-se classificar os valores atribuídos às praças em três categorias: valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos/simbólicos (MACEDO e ROBBA, 2002).

VALORES AMBIENTAIS

Segundo Robba “os valores ambientais dizem respeito ao espaço livre ocupado pelas praças que permite: melhoria na ventilação urbana; melhoria da insolação devido as áreas mais adensadas pelas árvores que promovem o sombreamento das ruas e seus canteiros e não irradiam tanto calor como o asfalto ou piso de concreto, propiciando o controle da temperatura e a cobertura vegetal permite a melhoria na drenagem das águas pluviais e a proteção do solo contra a erosão(...)”.

VALORES FUNCIONAIS

Segundo Macedo “os valores funcionais correspondem à importância que as praças têm como as principais, senão únicas, opções de lazer urbano. Estas áreas servem como ponto de encontro, local para apreciação da paisagem, além de disporem, muitas vezes, de outros atrativos destinados ao lazer da população, como: coretos para apresentações culturais, fontes de água, bancos para descanso, quiosques com vendas de lanches, barras de ginástica, pistas de caminhada e ciclovias, parques para crianças, entre outros(...)”.

VALORES ESTÉTICOS E SIMBÓLICOS

Os valores estéticos e simbólicos representam a função das praças enquanto objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercerem importante papel na identidade de um município, bairro ou rua.

Geralmente relacionado ao histórico-cultural, as praças são vistas e atuam como espaço de diálogo, local acolhedor para o passeio e lazer da sociedade. Do ponto de vista estético, as praças contribuem através das qualidades plásticas cor, forma, textura entre outras de cada uma das partes visíveis que as integram.

LAZER

O lazer é um dos fatores mais constantes que tem influenciado no desenvolvimento social da humanidade.

Segundo MURDOCK (1966), "(...) ainda mais importante é o fato de que cada geração inculca na que lhe segue, através da educação, os hábitos culturais que lhe foram mais satisfatórios e adaptáveis". Entre esses hábitos culturais persistiria a utilização do tempo livre, o reconhecimento do lazer como elemento central da cultura vivida e reconhecida por diversas gerações.

Portanto a praça é um local de lazer para as pessoas se socializar entre elas, na prática de esporte, atividades físicas, se divertem depois de um dia cansativo do dia a dia de serviço, pode desfrutar do lazer que a praça oferece.

HOSPITALIDADE PÚBLICA

O ato de acolher o outro, hospedar, agregar o estrangeiro em uma sociedade diferente da sua, é anterior ao turismo. O termo hospitalidade refere-se à busca pelo bem-estar e satisfação do outro, do diferente. Oferece também a relação interpessoal, a qual implica em uma ligação social e valores da solidariedade e da sociabilidade.

Camargo (2005) define hospitalidade como ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, a fim de acolher pessoas deslocadas de seu hábitat natural. Dessa forma, a hospitalidade urbana, segundo Grinover (2007), implica no ordenamento de espaços coletivos e exige regras a partir dos princípios da hospitalidade. Com o turismo, a hospitalidade passou a ser paga e a maneira mais fácil de aproximar as pessoas é por meio da viagem, do meio ambiente, dos equipamentos técnicos.

A praça em sua estrutura oferece uma hospitalidade pública, pode oferecer um certo benefício onde as pessoas encontram um lugar aconchegante e sente hospitalizada pela sua estrutura.

A PRAÇA NO BRASIL

Segundo Robba “no Brasil, a ideia de praça está diretamente relacionada com um espaço urbano ajardinado, ou seja, onde a vegetação é priorizada. Entretanto, sua origem no país tem a ver, mesmo, com os largos, construídos durante o período colonial. Os largos são espaços amplos e vazios, normalmente em frente de igrejas, fazem parte da cultura arquitetônica herdada dos imigrantes italianos, espanhóis e portugueses. Sendo assim, surge no Brasil o conceito de “praças secas”(...)”.

Segundo Macedo “antigamente, quando surgia uma pequena cidade, as primeiras construções a serem erguidas eram um mercado, uma prefeitura e uma igreja. Em frente a essas edificações, mantinha-se um espaço aberto, para fácil circulação dos cidadãos e de suas charretes. Portanto, não havia necessidade desses lugares serem atrativos, nem mesmo arborizados. Com a chegada do século XIX, os arquitetos passaram a criar desenhos de praças mais específicos, próprios a oferecer espaços para descanso e entretenimento da população(...)”.

A praça pode ser definida, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano livre de edificações que propicie convivência ou recreação para seus usuários. Espacialmente a praça é definida pela vegetação e elementos construídos, como por exemplos, jardins e largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pessoas. Uma praça não é apenas, um local de lazer, mas de qualidade de vida, prevenção de doenças e também como uma forma de socialização, entre elas a possibilidade do contato interpessoal público, permitindo o estabelecimento de ações culturais fundamentais, desde manifestações sociais até manifestações cívicas. Para abordar a função da praça pública no ambiente urbano, faz necessário conhecer a qualidade de vida urbana.

A praça brasileira como figura urbana é:

Praticamente desconhecida em sua essência tanto por seus usuários como criadores, sejam eles arquitetos, engenheiros, técnicos diversos, curiosos e outros mais. Duas figuras se destacam no imaginário popular: de um lado, a visão do jardim, e, do outro, a da praça de esportes, ambas bastante limitadas e pouco abrangentes. (Robba e Macedo 2002).

Registra-se que no Brasil a presença de praças e largos vem de longa data, remontando aos primeiros séculos da colonização e ocupando a posição de valorizadores do espaço com função organizacional.

Sobre esses espaços recaíam as atenções principais dos administradores, pois constituíam pontos de atenção e focalização urbanística, já que eram pontos de concentração da população.

As praças no Brasil colônia estavam associadas aos adros das igrejas, servindo para reunião de pessoas e diversas atividades, não só religiosas como também as de recreio, mercado, políticas e militares. Nesse contexto Robba e Macedo (2002, p. 16) afirma que “os espaços secos, que caracterizaram as piazze e plazas da Europa, no Brasil são chamados de largos, pá-tios ou terreiros, e o termo praça está normalmente associado a espaços ajardinados. (Marx 1980)

Um dos primeiros jardins públicos construídos no Brasil foi o Passeio Público do Rio de Janeiro. (Figura 5)



Figura 5: Passeio Público do Rio de Janeiro

Inaugurado em 1783 teve sua própria história ligada a todo o decorrer do desenvolvimento da cidade. Pelos registros existentes constata-se que ele foi traçado nos moldes de um jardim francês, pois a idéia de perspectiva infinita, proporcionada pelo mar que chegava até seus limites, dava-lhe um ar de grandiosidade. O aterro da lagoa existente (Lagoa Grande ou do Boqueirão da Ajuda), com o desmonte do Outeiro das Mangueiras. Embora destinado a um público restrito, viria a ser o primeiro jardim estruturado nas proximidades do contexto urbano.

Suas obras foram iniciadas em 1779 por ordem do vice-rei D. Luís de Vasconcelos que incumbiu Valentim da Fonseca e Silva - o Mestre Valentim - de projetar um “jardim de prazer”, isto é, um jardim público, para servir à população da cidade (Terra, 1995).

O Passeio Público do Rio de Janeiro foi contemporâneo ao surgimento dos primeiros jardins públicos europeus na segunda metade do século XVIII, símbolos do pensamento iluminista a invocar algumas formas de sociabilidade nas quais a aristocracia e a burguesia encontravam um lugar comum (Segawa 1996).

Segundo Segawa “se nos pautarmos por um enfoque antropológico, não estaremos incorrendo em erro se afirmarmos que a praça no Brasil tem sua origem anterior à implantação do Passeio Público do Rio de Janeiro. Se considerarmos que os índios construía suas ocas alinhadas formando um círculo, cujo centro, vazio, era o local das reuniões, festas e ritos, então teremos aí o primeiro registro desses espaços em nosso país(...)”.

Segundo Segawa “embora tais espaços não fossem nominados como praças, sua função, porém, as evoca. Outra característica muito comum às praças e tão presente nas aldeias indígenas (tabas) (...)”.

Segundo De Angelis “há alguns anos era possível encontrar no Brasil interiorano, rural ou das pequenas cidades não contaminadas pela virulência da globalização, a “praça televisiva”. Está se fazia presente a preencher o vazio das noites e ócio dos fins de semana. Televisiva porque aquele espaço comportava um monitor de TV que permitia à comunidade afluir à praça em busca de entretenimento. Sem dizer da curiosidade por um mundo novo que se descortinava e se materializava na forma de sons e imagens. É possível que ainda hoje, em algum “canto” perdido desse país, possamos encontrar uma “praça televisiva(...)”.

Quando se busca a apreensão das praças no Brasil, uma imagem inicial se fixa com freqüência recorrente: um espaço pobre e abandonado. Cheias de estacionamentos ou cercadas por grades (tendência que se observa nos grandes centros urbanos), as praças sucumbem sob o peso de um urbanismo selvagem em detrimento do lazer e do interesse coletivo.

Diante dessa realidade, rouba-se da população o seu espaço mais nobre. Essa por sua vez, a despeito de tudo quanto se criou e surgiu de alternativo para seu entretenimento, sequer protesta pelo espaço que se esvai. É a cumplicidade passiva da população que alimenta atitudes dos gestores públicos através de uma ação pautada pela especulação e pelo descaso com a “coisa pública” (De Angelis, 2000).

Segundo Robaa “as praças como espaço público desempenham importantes funções para qualidade de vida urbana, além de auxiliar no controle da radiação solar, umidade do ar e ação dos ventos. Atua ainda de forma direta no conforto ambiental, como melhoria microclimática, ação contra a poluição pela retenção de partículas poluidoras, barreira acústica e conforto luminoso. As praças podem influ-

enciar positivamente o psicológico de uma população, proporcionada com o contato com a área verde e o convívio social(...).”

ESPAÇOS PÚBLICOS

Para tratar de espaços públicos é necessário primeiro tratar sobre os espaços livres urbanos os quais, segundo Magnoli (1982), podem ser considerados como “todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso”.

São espaços de vazios urbanos, sem edificações públicas e/ou privadas e quando existem em conjunto podem ser entendidos como um “Sistema de Espaços Livres urbanos”, como defende Macedo (2003).

Segundo Gauthier “dentro da Morfologia Urbana temos que a cidade é determinada por seu traçado, este constituído pelo sistema viário, parcelamento do solo, edificações e espaços livres. Percebemos então, que esses espaços são elementos fundamentais do tecido urbano e podem ser representados tanto na esfera privada – recuos, estacionamentos; quanto na pública – praças, parques, ruas, entre outros; sendo produzidos de maneira formal ou informal(...)”.

Os espaços livres privados têm especial importância dentro da dinâmica da cidade a partir do momento em que conferem às residências o fator “intimidade”, a qual se dá a partir do distanciamento entre uma e outra - recuos dentro das parcelas.

No âmbito do conforto ambiental, ambas modalidades de espaços expressam significativas melhoras na qualidade urbana quando têm vegetação, isso porque proporcionam uma atenuação de temperatura, contribuindo para a manutenção do microclima local. Além disso, contribuem como pequenas glebas de preservação, uma vez que possuem elementos da flora local, podendo também abrigar exemplares da fauna. Vale ressaltar ainda a importância da permeabilidade do solo e como essas áreas de vegetação podem atuar como corredores de ventilação dentro dos espaços construídos urbanos.

Abrahão relata uma situação pesquisada por sociólogos sobre a influência da questão paisagística em que a forma como é feita a organização do espaço público pode implicar na “ausência de vida social e perda de sociabilidade’ (ABRAHÃO, 2008, p. 13)

As praças, ao longo dos tempos, levando-se em conta os diversos aspectos que as envolvem, como definição, funções, usos e concepções, sofreram significativas mudanças. Todavia, é consenso que, a despeito das transformações impostas pelo tempo, às praças ainda representam um espaço público de grande importância no cotidiano urbano (DE ANGELIS et al., 2005).

METODOLOGIA

No desenvolvimento do trabalho, fizemos visitas ao local destinado para a construção da praça, tiramos algumas fotos do local visando a comunidade do bairro chapadinha II. Em conjunto o grupo se deslocou ao bairro e fez levantamentos e coleta de dados do local por meio de um questionário sobre as preferências da população para elaboração do projeto que atenda a comunidade no total, trazendo um conforto e bem-estar a comunidade local, também acompanhamento da execução do projeto a etapa final após a conclusão.

ÁREA DE ESTUDO

Área localizada na cidade de Paracatu, Chapadinha II, confrontantes: rua D com travessa 4; rua D com travessa 8; rua C com travessa 4; rua C com travessa 8.

No decorrer do trabalho visitamos as casas nas redondezas da área proposta, tiramos as fotos dos locais, visando a melhor disposição dos componentes sugeridos para composição da praça na comunidade do bairro Chapadinha II. O grupo fez uma análise e levantamento completo dos locais para podermos elaborar um projeto que atenda à comunidade bem como o seu bem-estar e também acompanhamento da execução do projeto até o feedback final após a conclusão.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Durante o primeiro ciclo pensamos em vários projetos que beneficiasse a comunidade dentre as ideias optamos por elaborar algo que trouxesse interação, utilidade pública, lazer e saúde a comunidade. Após uma breve discursão uma praça foi a ideia que melhor abrangeu os requisitos sugeridos, para isso definimos alguns parâmetros para elaboração da mesma, para atender a disciplina projeto integrador I. Primeiramente definimos o grupo e escolha do tema, depois definimos que o bairro poderia ser o bairro Chapadinha II, nosso primeiro encontro no bairro Chapadinha II ocorreu no dia 24 de fevereiro às 15:30, onde foi feito a medição da área através do google maps (figura:6), e foi registrado fotografias do local escolhido para implementação do Projeto Integrador I. (figura:7), (figura:8).



Figura 6: Referência do Google Maps.

Figura retirada do Google Maps para fazer os levantamentos de medidas sobre o local da locação da praça.



Figura 7: Localização rua D com travessa 4.

Figura do local onde a praça será construída, confrontantes rua D com travessa 4.



Figura 8: Localização rua D com travessa 8.

Em seguida com a trena de 50 metros realizamos a conferencia do perímetro e da área.



Figura 9: Medição do perímetro da área.

Figura 9 relata a medição do perímetro da área para levantamentos de dados para início do desenvolvimento do projeto.



Figura 10: Medição do perímetro da área.

Com base nessas informações buscamos um direcionamento para concepção da praça, encontramos alguns modelos de praça da qual utilizaremos como parâmetro inicial para o projeto arquitetônico. No dia 27 de fevereiro as 14:00 deslocamos até o prédio da Prefeitura Municipal de Paracatu para verificação da locação da área. Foi constatado através de informações fornecidas pela secretaria de planejamento que se tratava de área incostitucional, portanto reservada para construção de praças, escolas ou postos de saúde. No dia 28 de fevereiro o grupo se reuniu para definir quais as perguntas deveriam ser feitas a comunidade, para diagnosticar quais seriam os impactos positivos e negativos que o empreendimento poderia causar na comunidade (Figura11).



Figura 11: Reunião para definir perguntas da entrevista.

No dia 07 de março com o questionário definido dividiu se o grupo em duas equipes para realização de uma pesquisa de campo, conversamos com os moradores, recolhemos dados, coletamos sugestões, foram pesquisados em média 3 residências por rua com moradores diferentes da comunidade local sem distinção de faixa etária.



Figura 12: Entrevista com moradores do bairro.

Figura 12 relata a entrevista com os moradores do bairro, onde foi feito um questionário para saber o desejo da população sobre a construção de uma praça naquele local, e os elementos ser implementados na praça.



Figura 13: Entrevista com moradores do bairro.

Figura 13 se trata de outra foto tirada no dia da entrevista, onde os moradores daquele bairro aprovaram a ideia de ter uma praça naquele local.

Em posse dos dados levantados no campo, discutimos em grupo as sugestões coletadas e as preferências da comunidade em relação a estrutura da praça. Ao analisar o que cada um conversou com os moradores, verificamos que em sua maioria sugeriram alguma medida de segurança no local como: iluminação, policiamento frequente entre outras ideias segue abaixo os gráficos com os dados coletados.

Tabela 1 – Relação de habitantes por domicílio

BAIRRO	POPULAÇÃO	DOMICILIOS	POPULAÇÃO/MORADIA
CHAPADINHA II	1460	346	4,21

Tabela da relação de habitantes por domicilio onde chegamos a dados precisos para levantamentos estatísticos sobre a entrevista.

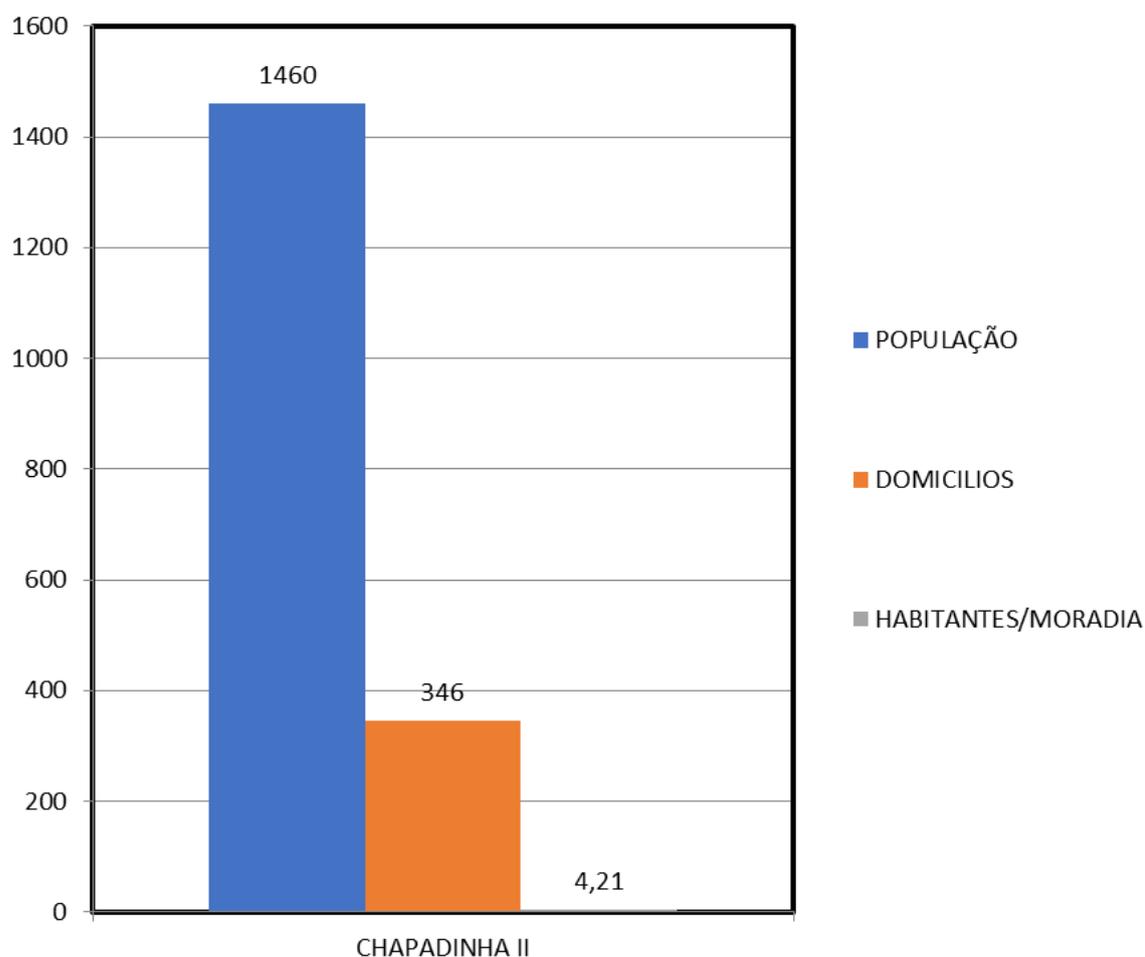


Figura 14: Relação de habitantes por domicílio.

Figura 14 e a relação de habitantes por domicílio para a fim de levantamentos estatísticos.

Tabela 2 – Entrevistados a favor e contra por faixa etária.

ENTREVISTADOS		
FAIXA ETÁRIA	A FAVOR	CONTRA
0 A 15	11	0
16 A 29	26	3
30 A 59	28	12
ACIMA DE 60	4	1

Tabela 2 relata as pessoas que foram entrevistadas baseada na faixa etária de idade, e se ambas pessoas foram contra ou a favor da construção da praça.

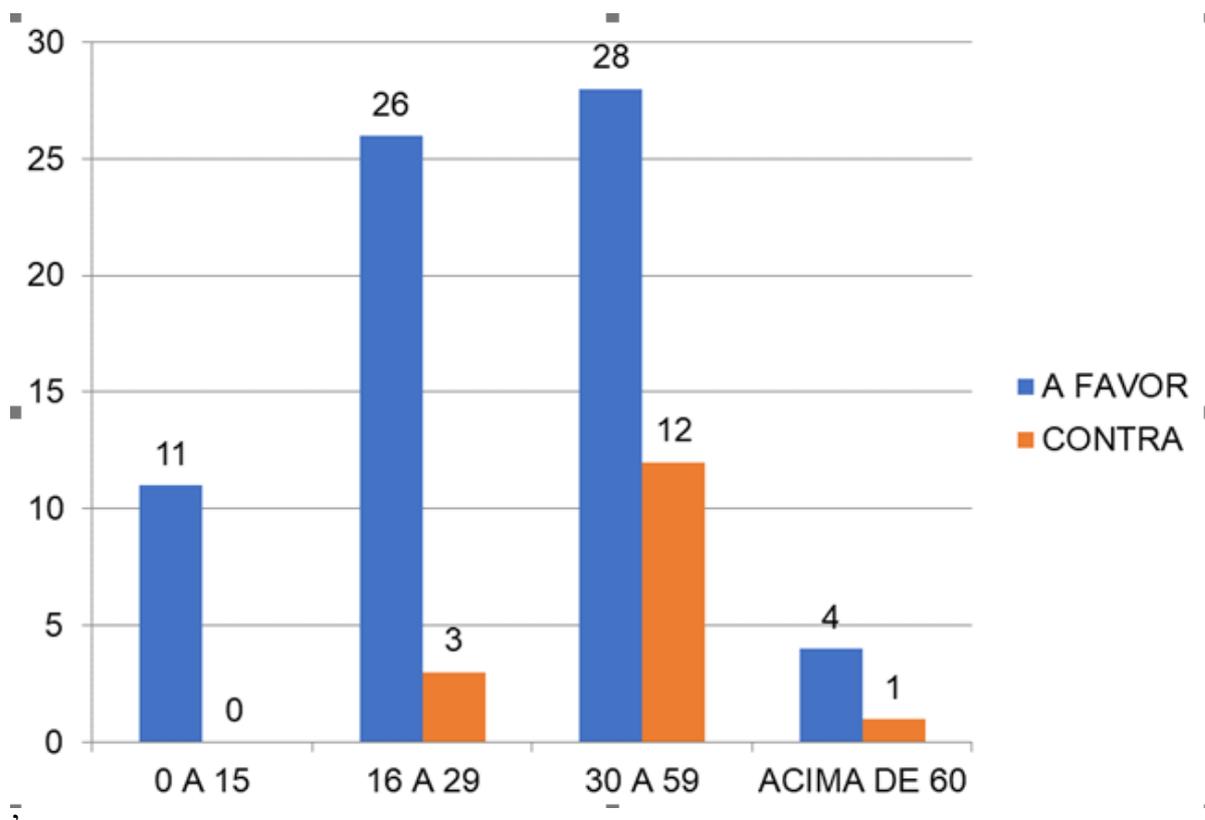


Figura 15: Entrevistados a favor e contra

Relação de pessoas entrevistada pela idade e se é a favor ou contra.

Tabela 3 – Total de entrevistados a Favor e Contra.

ENTREVISTADOS	A FAVOR	CONTRA
85	69	16

Tabela 3 relata a quantidade de pessoas que participaram da entrevista e se foram a favor ou contra a construção da praça.



Figura 16: Percentual de entrevistados a favor e contra

Diante da situação sugerimos uma praça com a seguinte composição; 01 quadra poliesportiva coberta, 01 quadra de volei; 01 parque infantil; 01 academia fixa; 01 pista de caminhada; 01 teatro arena com palco conforme o croqui;



Figura 17: Vista superior

Figura 17 e vista superior do projeto em 3D feita pelo software sketchup.



Figura 18: Vista lateral

Figura 18 é a vista lateral do projeto em 3D feita pelo software sketchup.



Figura 19: Quadra poliesportiva coberta

Figura 19 é a imagem da quadra poliesportiva coberta em 3D feita pelo software sketchup que será implementada no projeto da praça a pedido da população local do bairro.

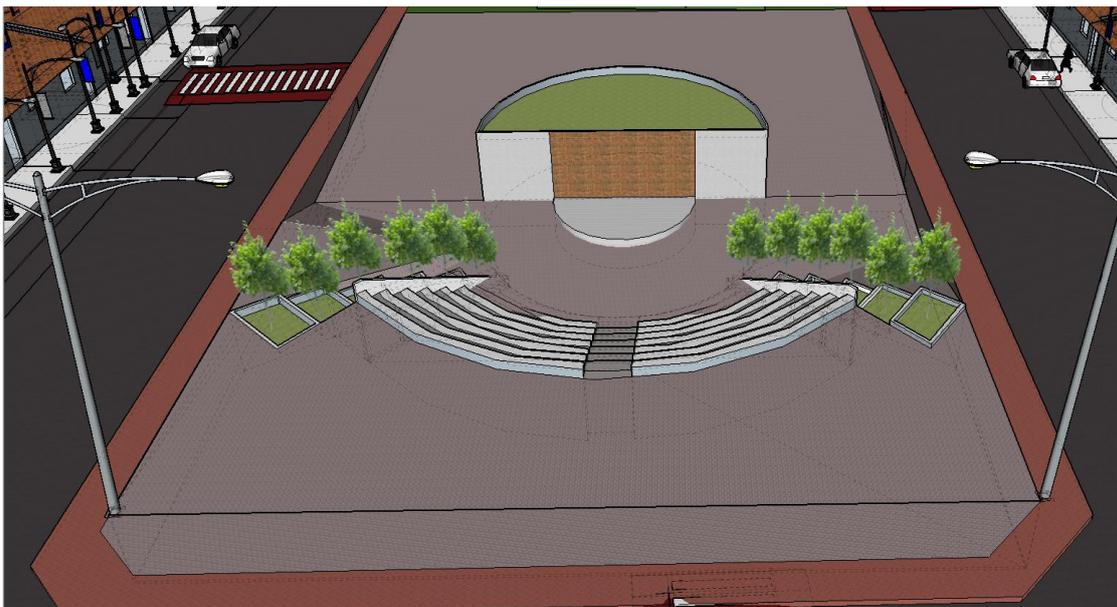


Figura 20: Teatro arena com palco

Figura 20 é a imagem do teatro de arena com palco em 3D feita pelo software sketchup que será implementada no projeto a pedido da população a fins de reunião do bairro ou apresentação.



Figura 21: Parque infantil

Figura 21 é a imagem do parque infantil em 3D feita pelo software sketchup a pedido da população, para as crianças ter um local de diversão.



Figura 22: Quiosques e academia fixa

Figura 22 é a imagem dos quiosques e da academia fixa em 3D feita pelo software sketchup, onde a população pediu a implementação no projeto dos quiosques, para a interação dos moradores do bairro, e a academia fixa para os moradores praticar exercícios físicos em consequência uma saúde melhor.

CONCLUSÃO

Após término do trabalho feito na disciplina de projeto integrador e síntese. Verificamos que tudo isso que estamos realizando é um grande passo para nossa formação acadêmica, pois todo conhecimento adquirido por aulas teóricas, colocamos em prática no desenvolver desse trabalho. Todos estes trabalhos onde o grupo no geral tem se dedicado para alcançar o êxito, tem sido reconhecido pela população do bairro, e todos os moradores tem elogiado nossa atitude de querer proporcionar algo melhor para o bairro. Esperamos que na disciplina de projeto integrador e síntese II possamos dar continuidade no nosso projeto, e o projeto saia do papel e seja executado, onde todo o grupo se coloca a disposição e se compromete a visitar a obra, fazendo relatórios das visitas, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELIS, B.L.D. de & ANGELIS NETO, G. de. Da jardinagem ao paisagismo. Jaboticabal: Um passeio pela história das praças, 2001.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. Praças: História, Usos e Funções. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum (15), 2005.

ROBBA, Fábio; MACEDO Silvio Soares. Praças Brasileiras. Edusp. Imprensa Oficial: São Paulo, 2003.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. Praças brasileiras. São Paulo: Edusp, 2002.

ANEXO: questionário



**FACULDADE ATENAS
ENGENHARIA CIVIL
PESQUISA DE CAMPO**

**ELABORAÇÃO DO PROJETO PARA CRIAÇÃO DE PRAÇA PÚBLICA NO
BAIRRO CHAPADINHA II – PARACATU-MG.**

NOME: _____

IDADE: _____, TELEFONE: (____) _____

ENDEREÇO: _____

**1. QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A CRIAÇÃO DE UMA PRAÇA NO BAIRRO
CHAPADINHA II?**

SOU A FAVOR.

NÃO SOU A FAVOR, PORQUE: _____

2. O QUE VOCE GOSTARIA QUE FOSSE CONSTRUÍDO NA PRAÇA?

Quadra poliesportiva
coberta.

Pista para caminhadas.

Quadra de vôlei .

Paisagismo.

Pista para skate.

Outros; _____

Teatro de arena com palco.

Quiosque de alimentação.

Área de exercícios e
alongamento.

Parque infantil

**3. EM SUA OPINIÃO QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS QUE ESTA PRAÇA
TRARÁ PARA A COMUNIDADE LOCAL?**

Acadêmico

Morador

Matricula: ____ - ____ - _____